



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

INÊS LIDIANE BELARMINO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO PARA A GEOGRAFIA: DA
TEORIA PARA A PRÁTICA**

CAMPINA GRANDE-PB
2018

INÊS LIDIANE BELARMINO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO PARA A GEOGRAFIA: DA
TEORIA PARA A PRÁTICA**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para a conclusão da graduação no curso de Licenciatura em Geografia, orientado pela Prof^a. Dra. Joana D'Arc Araújo Ferreira.

CAMPINA GRANDE-PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Ines Lidianne Belarmino da.
A importância do trabalho de campo para a geografia
[manuscrito] : da teoria para prática / Ines Lidianne Belarmino
da Silva. - 2018.
34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Joana D' Arc Araújo Ferreira ,
Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Ensino de geografia. 2. Aula de campo. 3.
Aprendizagem. 4. Ensino médio.

21. ed. CDD 372.89

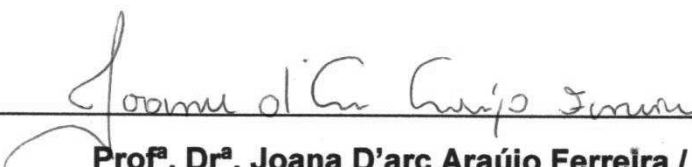
INÊS LIDIANE BELARMINO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO PARA A GEOGRAFIA: DA
TEORIA PARA A PRÁTICA**

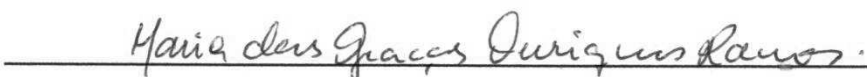
Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para a conclusão da graduação no curso de Licenciatura em Geografia, orientado pela Profª. Drª. Joana D'Arc Araújo Ferreira.

Aprovada em: 28 de junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Joana D'arc Araújo Ferreira / DG
Universidade Estadual da Paraíba- Campus I
Orientadora



Profª. Ma. Maria das Graças Ramos Ouriques / DG
Universidade Estadual da Paraíba- Campus I
Examinadora



Prof. Me. Francisco Evangelista Porto / DG
Universidade Estadual da Paraíba- Campus I
Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela dádiva do transmitir o conhecimento, e acima de tudo pelo amor ao Magistério.

A minha mãe, Luzia Belarmino, pelo incentivo maior para ingressar nessa carreira, para muitos um fardo, porém para mim uma realização pessoal, a senhora o meu muito obrigada.

Ao meu pai, Antônio Belarmino (in memoriam), que se estivesse vivo estaria orgulhoso de sua “menininha” como me chamava.

Ao meu eterno professor Clênio Santos, hoje colegas de trabalho agradeço a curiosidade o despertar para a licenciatura, motivando a seguir sua carreira.

Para a realização desse projeto em especial, agradeço a minha Orientadora Professora Joana D’Arc, que com sua delicadeza e competência me instruiu com excelência para conclusão desse trabalho.

Aos meus professores, Lourdinha Cirne, Daniel Campos, Joana D’Arc, Hélio Nascimento, Aguinaldo Barbosa, Marília Querino, Maria das Graças Ourices, Evangelista Porto, Antônio Albuquerque, dentre outros oferecidos pela Academia, que no decorrer da graduação ministraram aulas, que desempenhou meu crescimento dentro e fora da universidade a qual me formei uma cidadã com mais conhecimentos em todos os ramos da geografia.

Aos meus familiares, em especial meus irmãos, minha Tia Fátima Cavalcanti por oferecer a primeira experiência em sala de aula, ao meu sobrinho Lucas Belarmino por toda ajuda durante essa trajetória.

Aos meus amigos da Academia, João Batista, Elthon Rondineli, Lúcio Guedes, Romero Farias, Jaqueline Flor, Uelison Jesus, Rita de Cássia, Ariana Rafaela, onde fiz uma aliança prazerosa de convívio diário nas noites noturnas de estudos.

A minha amiga, Regina Duarte, que fez do meu percurso noturno uma alegria, muitas vezes enfrentávamos obstáculos, porém ela sempre incentivou e me fez nunca pensar em desistir, pois pude perceber que minha vontade de trilhar com exatidão era maior que qualquer tropeço no caminho.

Ao meu motorista, Rômulo Costa, que durante maior tempo de minha ida a academia, sempre preocupado em chegar no horário e acima de tudo atento e prestativo na estrada.

Tenho em minha personalidade e assim aprimorada ao decorrer do meu desenvolvimento pessoal o reconhecimento por todos que fizeram dessa graduação uma realização satisfatória. Aqui termino relatando minha felicidade em conclusão do meu curso, que daqui para frente novos horizontes serão conquistados, novos trilhos serão percorridos e assim irei absorvendo mais conhecimentos para formar pequenos cidadãos em grandes e críticos formadores de opiniões.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
2.1 PROPOSTAS CURRICULARES E O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	6
2.2 RESSIGNIFICANDO O ESTUDO DE GEOGRAFIA: a importância do trabalho de campo para o ensino de Geografia.....	10
3.0 METODOLOGIA	14
3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE AREIA: BREVES PALAVRAS.....	15
3.1.1 A Escola Estadual Carlota Barreira	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
4.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	20
4.1.1 Questões Subjetivas	20
4.1.2 <i>Questão 2 do Questionário</i>	20
4.2 <i>Questão 4 do Questionário</i>	21
4.3 QUESTÕES OBJETIVAS.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE	33
MODELO DE QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ALUNOS.....	33

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO PARA A GEOGRAFIA: DA TEORIA PARA A PRÁTICA

Lidiane Belarmino¹

RESUMO

A Geografia, como ciência da humanidade, destina-se, ao estudo do espaço produzido pelas sociedades, em suas relações com os grupos sociais, natureza e tempo histórico. Diante desse contexto, partimos da seguinte problemática: de que forma, as aulas práticas de campo proporcionam uma melhor assimilação de conteúdo por parte dos alunos, como fonte enriquecedora de aprendizado? Assim, esse artigo tem como objetivo, analisar, sob a ótica do aluno do 1º Ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira, Areia-PB, e a forma em que a aula de campo contribui para uma melhor aprendizagem dos conteúdos da disciplina de Geografia. O universo da pesquisa foi a turma do 1º Ano do Ensino Médio, com 16 alunos. Em relação ao trabalho, trata-se de uma pesquisa explicativa, pois buscou identificar quais os fatores determinantes referentes ao estudo. O referido estudo foi realizado através da implementação de questionários e relatórios da docente. Foram feitos 16 questionários com os alunos, com perguntas objetivas e subjetivas. As objetivas foram tabuladas em gráficos na forma de diagrama de setor e as subjetivas foram dispostas em tabelas e, ambas, analisadas à luz da literatura específica. Para a realização do estudo, lançou-se mão da pesquisa aplicada. Quanto à abordagem do problema a pesquisa foi qualitativa. Os teóricos que subsidiaram o trabalho foram: Pontuschka Paganelli (2009), Cacete (2009); Malysz (2007); Venturi (2009); Peron (2009), Pereira (2015); Santos (2008) Os resultados apontaram para a importância do trabalho de campo para os alunos compreenderem o meio no qual está inserido, para a necessidade de planejamento prévio e análise posterior da experiência, bem como as dificuldades que o professor enfrenta para torná-lo possível.

Palavras – Chave. Aula de Campo. Aprendizagem. Pesquisa Geográfica

INTRODUÇÃO

A Geografia, como ciência da humanidade, destina-se ao estudo do espaço produzido pelas sociedades, em suas relações com os grupos sociais, natureza e tempo histórico. Como disciplina escolar, objetiva oferecer a alunos e professores, a oportunidade de enriquecimento de suas representações sociais, bem como seu

¹ Professora de Geografia da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira, Areia – PB; Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba.

conhecimento acerca das múltiplas dimensões sociais da realidade social, natural, cultural e histórica, levando-os a ser capaz de melhor ler e entender o mundo em sua complexidade e seu processo contínuo de transformação.

Um dos ditames da pedagogia moderna se centra no fazer, vivenciar a aprendizagem. Nesse sentido, na formação de professores e alunos, faz-se essencial dominar a leitura do espaço ao seu redor, por meio da observação, seja ela dirigida ou espontânea, produção de registros variados, entrevistas e pesquisas nas realidades locais do bairro ou da cidade. Essa abordagem será o ponto de partida para que os parâmetros reais para a compreensão de espaços locais e de regiões mais distantes sejam construídos.

Diante desse contexto, partimos da seguinte problemática: de que forma, as aulas práticas de campo proporcionam uma melhor assimilação de conteúdo por parte dos alunos, como fonte enriquecedora de aprendizado? esse artigo tem como objetivo, analisar, sob a ótica do aluno do 1º Ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira no município de Areia-PB, de que forma a aula de campo contribui para uma melhor aprendizagem dos conteúdos da disciplina de Geografia Inicialmente, apresentaremos os Conceitos e Propostas para o Ensino de Geografia; Em seguida, um tópico intitulado Ressignificando o estudo de Geografia: a importância do trabalho de campo em turmas do Ensino Fundamental, buscamos apresentar a nossa experiência do trabalho de campo no município de Areia. Como subtópico, apresentaremos um breve histórico sobre a Geografia e a história do município. No último tópico, Resultados e discussões, analisaremos, à luz dos postulados teóricos, como Pontuschka. Paganelli Cacete (2009); Malysz (2007); Venturi (2009); Peron (2009), Pereira (2015); Santos (2008) os 16 questionários respondidos pelos alunos.

Por último, apresentaremos as considerações finais e o corpo teórico que subsidiou nosso trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PROPOSTAS CURRICULARES E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Até a década de 1980, no Brasil, os Estados da Federação e os municípios elaboravam suas próprias propostas curriculares. Após essa década, esse cenário começa a se redesenhar, quando a CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas) do Estado de São Paulo em parceria com professores da USP (Universidade de São Paulo). Tal proposta, chamada de “Geografia crítica” veio a se tornar um documento de referência para os cursos de licenciatura e influenciaram a construção de propostas curriculares nos demais estados. Com a aprovação da LDBN/96, as propostas curriculares dos Estados foram debatidas, no sentido de gerar uma nova proposta nacional: surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais cuja maior inovação foi a introdução dos temas transversais (Ética; Meio Ambiente; Pluralidade Cultural; Saúde; Trabalho e Consumo; Orientação Sexual), segundo os quais, é importante para a construção da cidadania e da prática democrática. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

No ano de 2006, o governo estabelece um novo documento para o Ensino de Geografia, que vem a ser as Orientações Curriculares para o Ensino de Geografia.

Dois aspectos merecem destaque nos marcos legais que tratam da oferta do ensino médio, no Brasil: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº. 9394/96) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). O primeiro aspecto é a priorização do educando em sua formação humanas, crítica e ética, bem como a sua preparação para o mundo do trabalho. O segundo diz respeito às especificidades a serem levadas em consideração quando da organização curricular que, por um lado deve seguir as diretrizes da base nacional comum, e, por outro, observar e complementar essa base com uma parte diversificada que atenda às especificidades regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e do próprio aluno (BRASIL, 1996); de modo a superar uma organização por disciplinas estanques, cada vez mais em um processo interdisciplinar e contextual. Assim, o grande avanço determinado por tais diretrizes consiste na possibilidade objetiva de pensar a escola a partir de sua própria realidade, privilegiando o trabalho coletivo.” (BRASIL, 2006).

Nas Orientações Curriculares de Geografia para para o Ensino Médio (BRASIL, 2006), o ensino de Geografia deve preparar o aluno para:

localizar, compreender e atuar no mundo complexo, problematizar a realidade, formular proposições, reconhecer as dinâmicas existentes no espaço geográfico, pensar e atuar criticamente em sua realidade tendo em vista a sua transformação. A partir dessas premissas, o

professor deverá proporcionar práticas e reflexões que levem o aluno à compreensão da realidade. Portanto, para que os objetivos sejam alcançados, o ensino da Geografia deve fundamentar-se em um corpo teórico-metodológico baseado nos conceitos de natureza, paisagem, espaço, território, região, rede, lugar e ambiente, incorporando também dimensões de análise que contemplam tempo, cultura, sociedade, poder e relações econômicas e sociais e tendo como referência os pressupostos da Geografia como ciência que estuda as formas, os processos, as dinâmicas dos fenômenos que se desenvolvem por meio das relações entre a sociedade e a natureza, constituindo o espaço geográfico. **Seu objetivo é compreender a dinâmica social e espacial**, que produz, reproduz e transforma o espaço geográfico nas diversas escalas (local, regional, nacional e mundial). (grifo nosso) (BRASIL, 2006, p. 43).

Assim, “a dinâmica social e espacial” aparece como elemento indispensável para guiar, atuar e refletir os espaço geográfico. Nesse sentido, um dos eixos de Geografia para o ensino Médio se centra nas “aprendizagens significativas”, as quais devem privilegiar os conhecimentos prévios dos alunos e o meio geográfico onde este está inserido. (BRASIL, 2006).

As Orientações apresentam como objetivos específicos (BRASIL, 2006,p. 44):

- compreender e interpretar os fenômenos considerando as dimensões local, regional, nacional e mundial;
- dominar as linguagens gráfica, cartográfica, corporal e iconográfica;
- reconhecer as referências e os conjuntos espaciais, ter uma compreensão do mundo articulada ao lugar de vivência do aluno e ao seu cotidiano.

Esse último objetivo é de suma importância para o professor que pretende oferecer, ao aluno, uma boa compreensão do espaço em que vive, de modo que este seja capaz de pensar e viver o espaço em todas as suas potencialidades e limitações. Segundo Santos (2008) é papel do intelectual (aqui incluímos os professores de Geografia) atualizar os conceitos e proceder sempre a uma análise crítica da sociedade, uma vez que o dinamismo, com o advento da Revolução Tecnológica, nos anos 90, promovem uma verdadeira revolução na maneira de pensar e conhecer o espaço:

Desta maneira, a partir de então, Santos define o espaço como:

[...] algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de

objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46).

Observando esse dinamismo e considerando o espaço como um laboratório geográfico (CAVALCANTI, 2002) é que consideramos o meio um recurso importante e inesgotável de conhecimento para articular o diálogo entre a didática (o pensar pedagógico) e a epistemologia (o pensar geográfico), como preconizam os Parâmetros Curriculares para o ensino de Geografia.

2.2 RESSIGNIFICANDO O ESTUDO DE GEOGRAFIA: a importância do trabalho de campo para o ensino de Geografia.

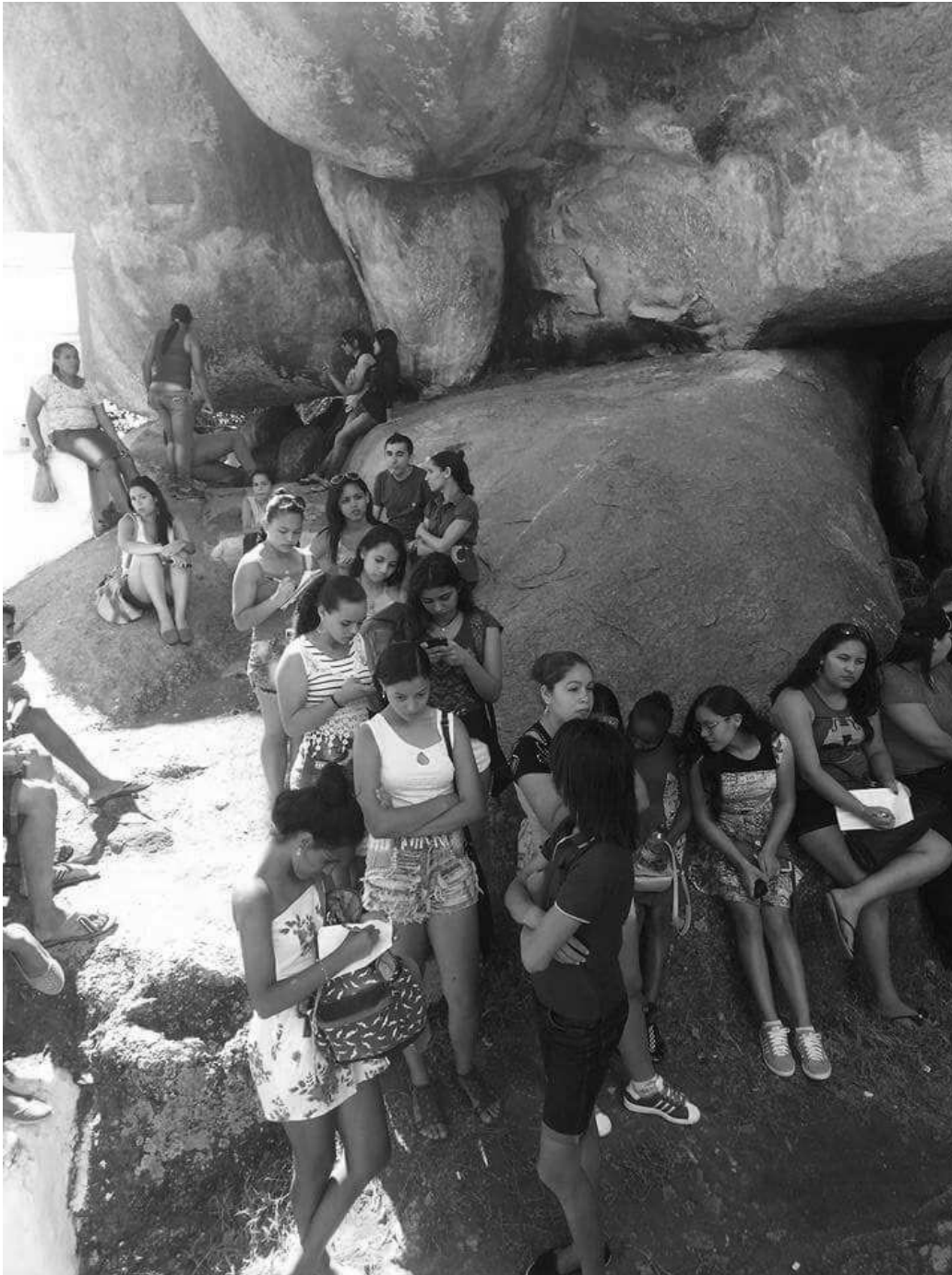
Em Agosto de 2017 a turma do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira, foram para uma aula de campo, onde em sala de aula era ministrado o conteúdo sobre Rochas, a docente junto com sua metodologia prévia uniu a dinâmica da teoria com a prática.

Figura 1: Aula de Campo. Visita á Pedra de Santo Antonio, Fagundes/PB, agosto /2017.



Fonte: Acervo da Professora Pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018

Figura 2: Aula de Campo. Visita à Pedra de Santo Antonio, Fagundes/PB, agosto/2017.



Fonte: Acervo da professora pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018

Pereira (2015) afirma que para conceituar trabalho de campo, é preciso que se estabeleça uma diferença fundamental entre o que seja metodologia e o que seja técnica. Assim, entendendo técnica como “preceitos práticos utilizados por uma ciência” e metodologia como “um processo no campo do pensar”. (PEREIRA, 2015, p. 210). Nesse sentido, a metodologia pressupõe a técnica. O trabalho de campo, assim, é metodologia e não técnica.

Para Venturi (2005), o trabalho de campo é definido como o momento em que o pesquisador entra em contato direto com a realidade, independente do uso ou não, de instrumentos.

Marconi e Lakatos (2003), por sua vez, definem a pesquisa de campo pela sua finalidade: esta serve para levantar informações que sirvam para a resposta a um dado problema.

Pereira citando Sternberg ([1946], 2015) apresenta as seguintes etapas do trabalho de campo: planejamento, atividade prática e análise das informações obtidas em campo que devem ser trabalhadas no sentido de atender ao objetivo da aula de campo.

Guerra e Cunha (1996) apontam exatamente para o caráter prático da pesquisa de campo e sua importância para solidificar o conhecimento teórico. Nesse sentido, Ramos (1999) reitera a visão de Guerra e Cunha, ao afirmar que a aula de campo no ensino de Geografia deve ter os objetivos de fixar o conteúdo e possibilitar o enriquecimento da aula teórica.

A aula de campo, portanto, deve estar prevista tanto no Plano de Trabalho do Professor da disciplina de Geografia quanto no Projeto Político Pedagógico da escola. Para Ataíde (2005) é importante que se faça uma programação minuciosa, em que constem tudo o que será trabalhado e privilegiado na aula de campo, a fim de tornar essas atividades mais proveitosas do que, simplesmente, aproximar a teoria da observação direta.

Ao trabalho de campo, deve-se seguir a elaboração do relatório de observação que geralmente corresponde a uma avaliação. Como podemos ver, a aula de campo é algo dinâmico, enriquecedor, que traz o aluno para dentro do processo de aprendizagem, mas é algo complexo. Não é um simples passeio. Por isso, o relatório é importante para que se possa perceber se o educando compreendeu o objetivo da aula de campo, se foi capaz de refletir criticamente sobre esta. Outro ponto positivo dos relatórios dessas aulas é o fato de que o relatório possibilita ao aluno do Ensino Médio, nosso caso, começar a ter contato com os documentos científico-acadêmicos, sua linguagem, padronização, coerência, sua estruturação, enfim.

Venturi (2009) estrutura assim, um relatório de aula de campo: capa; sumário; apresentação ou introdução, em que o aluno ou grupo informa ao leitor o significado do trabalho no contexto da disciplina, a instituição onde foi realizado, o percurso da

aula de campo; caracterização do local visitado; desenvolvimento, a “narração-descrição dos fatos e objetos observados” (p. 230) e as considerações finais, em que momento de relato das impressões e reflexões sobre a aula. Assim, uma aula de campo vai atender ao dinamismo que os alunos esperam e resultar em um trabalho cujas reflexões podem ter implicações positivas e de ressignificação para aquele lugar, uma vez que as autoridades competentes tenham acesso ao teor de tais relatórios. Assim, a aula de campo cumpre com seu papel científico e social de estudo do meio.

O estudo do meio, o maior laboratório geográfico, no dizer de Cavalcanti (2002). Para Malysz (2007, p. 171) o estudo do meio sempre foi um recurso importante (mesmo indispensável) para a construção do conhecimento geográfico e, principalmente, para a vivência do método científico de pesquisa.

Assim, é através da análise do meio em que vivemos que podemos perceber a ação da sociedade sobre a natureza e vice-versa, sobre o espaço, o tempo e, ao mesmo tempo, percebermo-nos como sujeitos, como protagonistas desse processo. Por isso, que as aulas de campo devem ser valorizadas para que o ensino e o próprio sujeito sejam ressignificados. Em todas as etapas da aula de campo, o aluno é levado ao desenvolvimento de habilidades, tais quais a observação, a intuição, a percepção que devem ser trabalhadas, pensadas, testadas ao lado do levantamento, seleção e organização de dados, na construção do conhecimento científico. (MALYSZ, 2007).

Malysz (2007, p. 174) ressalta alguns objetivos importantes para o estudo do meio:

- Mobilizar primeiramente as sensações e percepções dos alunos no processo de conhecimento, para em seguida proceder-se à elaboração conceitual em sala de aula. Pode-se pensar na construção de conceitos, a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, levando-os à elaboração do conceito científico, realizando assim uma transposição didática.
- Proporcionar ao aluno condições de desenvolver sua capacidade de saber, observar, entender e analisar de forma crítica a realidade da sociedade da qual ele faz parte;
- Possibilitar ao aluno a visualização dos problemas de um determinado local e as possíveis soluções, pois dessa forma ele pode interferir na realidade que o cerca, como um ser ativo e criativo, e a partir deste tipo de estudo aprender a ampliar sua visão de mundo;

- Ajudar os alunos a entender a natureza e sua importância para a sociedade, através do estudo em conjunto das características físicas e humanas dos lugares;
- Motivar o aluno a conhecer Geografia através da familiarização com o meio que o cerca, em uma aprendizagem dinâmica, mediante a realização de aulas de campo.

Como podemos ver, em termos como “entender a natureza e sua importância para a sociedade”, “entender de forma crítica”, “problemas e possíveis soluções”, “interferir na realidade que o cerca”, “aprendizagem dinâmica”, a aula de campo tem o objetivo maior de ressignificar a própria aprendizagem e o meio em que estamos inseridos. Para tal, faz-se necessário que se planeje bem a aula, conhecendo previamente o local a ser visitado; ler textos sobre a problemática a ser observada; fazer uso da interdisciplinaridade; agendar e providenciar o transporte e proceder à divisão de tarefas para os grupos. Assim, ao tomar contato com a realidade observada, o aluno já terá plenas condições de se posicionar frente a esta realidade.

3.0 METODOLOGIA

O presente artigo se propõe a realizar um estudo sobre a importância do trabalho de campo para o ensino-aprendizagem de Geografia. O universo da pesquisa foi a turma do 1º Ano do Ensino Médio, com 16 alunos, com idades entre 14 e 17 anos do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira, Areia -PB.

Em relação aos objetivos, é uma pesquisa explicativa, pois buscou identificar quais os fatores determinantes referentes ao estudo. A referida pesquisa foi realizada através da implementação de questionários e relatórios da docente. Foram feitos 16 questionários com os alunos, com perguntas objetivas e subjetivas. As objetivas foram tabuladas em gráficos na forma de diagrama de setor e as subjetivas foram dispostas em tabelas e, ambas, analisadas à luz da literatura específica. (Apêndice)

O estudo dos dados qualitativos foi realizado seguindo os passos da técnica da análise de conteúdo descrita por Bardin (2009) “que compreende: primeiro, a leitura de cada uma das entrevistas; segundo, a leitura com a finalidade de desmembrar as unidades de registro para classificar e agrupar os dados brutos oriundos das falas dos sujeitos em representação do conteúdo e a categorização por

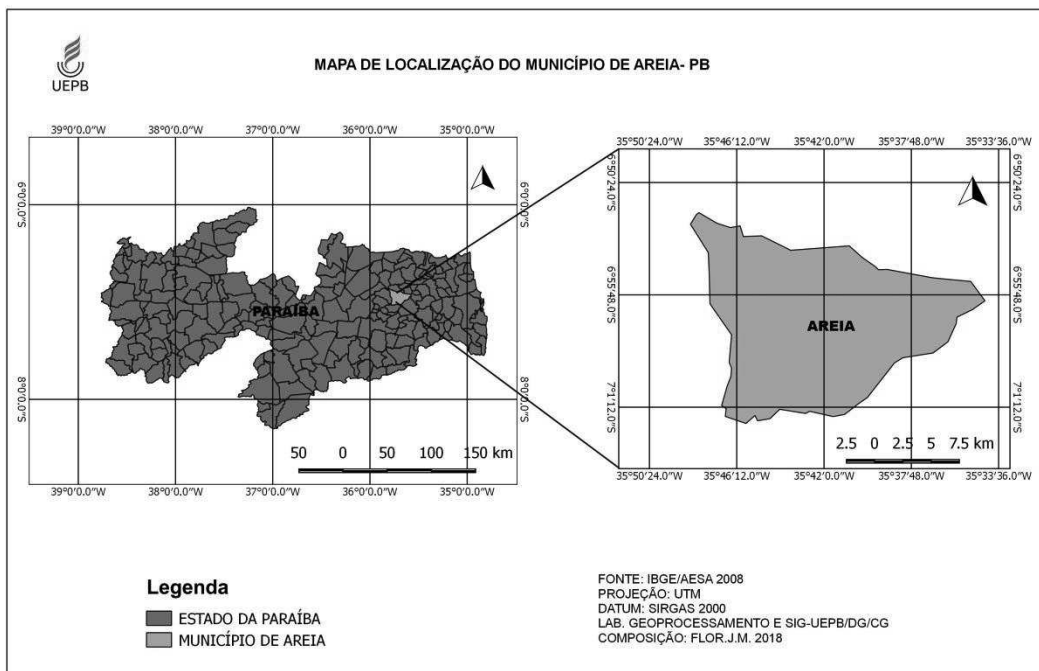
grupo de registro com significado e elementos comuns”. Os resultados foram apresentados na forma de textos discursivos.

Para a realização do estudo, lançou-se mão da pesquisa aplicada. Esta se atém normalmente a problemas específicos de organização (ROESCH, 1999). Quanto à abordagem do problema a pesquisa foi qualitativa Raupp e Beuren (2008) afirmam que as pesquisas qualitativas realizam análises profundas em relação ao objetos ou fenômeno de estudo, procurando destacar e conhecer as características não observadas nas pesquisas quantitativas.

3.1 BREVES ASPÉCTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE AREIA

O município de Areia (figura 3) está situado a 118 quilômetros a noroeste de João Pessoa – capital do Estado. Limita-se, ao Norte, com Arara, Serraria e Pilões; a leste, com os municípios de Alagoinha e Alagoa Grande; a sul, com Alagoa Grande e Alagoa Nova e a Oeste, com Remígio. O município é cortado pelo Rio Bananeiras e pelos riachos Mandaú, Pitombeira, Pedregulho, Marzagão e Fechado, todos componentes da Bacia do Rio Mamanguape. Sua altitude varia de 400 a 600 metros. (FIÚZA. GONÇALVES, SORRENTINO et ali, 1998).

Figura 3: Mapa de localização geográfica do município de Areia-PB.



Fonte: Jaqueline Flor – Geógrafa.

O município de Areia fica localizado no Brejo paraibano, a 118 km a Noroeste de João Pessoa na Paraíba. Tem uma população estimada em 23.472².

A microrregião do Brejo paraibano representa uma exceção geográfica dentro do bioma do nordeste brasileiro e está dividido do seguinte modo: litoral, com sua Zona da Mata, o Agreste, a Caatinga, o Sertão e o Alto Sertão. O brejo paraibano, segundo Gaudêncio (2007, p. 148): é “o maior Brejo Agrestino com 1940 quilômetros quadrados de superfície”, uma exceção, juntamente com o brejo pernambucano, a outros estados da Região Nordeste, zona intermediária entre o Agreste e o Sertão, “bastante acidentada, com precipitações abundantes e frequentes, bem como mananciais de águas perenes” (GAUDÊNCIO, 2007, p. 149).

A localização geográfica dessa região do Brejo, servindo de zona de transição, entre Litoral e Sertão, possibilitou o surgimento de um lugar que servisse de pouso para os viajantes, transformando-se logo num polo promissor, em virtude da fertilidade do seu solo e da abundância de mananciais, no fim do século XVII para início do XVIII, por volta do ano 1700 (ALMEIDA, [1957], 1980), data da povoação do município.

O nome Brejo de Areia se deve a um riacho que passa pela propriedade Saboeiro, onde havia pequenos barrancos de uma areia fina e branca, às margens do córrego que cortava a estrada que ia de Areia para Alagoa Grande (ALMEIDA, [1957]1980, p. 7).

Areia já foi o maior município da Microrregião do Brejo, de cujo território faziam parte integrante os atuais municípios de Bananeiras, Guarabira, Cuité, Alagoa Grande, Pilões, Serraria e Pedra Lavrada. Emancipou-se politicamente de Mamanguape, no ano de 1846. Desde o ano de 2005 é uma das cidades que compõem o Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico do Brasil, pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

² Disponível em: < www.cidades.ibge.gov.br>.

Figura 4: Centro Histórico da Cidade de Areia - PB



Fonte: Clemilson Fotografia

3.1.1 A Escola Estadual Carlota Barreira

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira foi fundada em 1968, pelo Monsenhor Ruy Barreira Vieira, chegado à Paróquia em 1949. Inicialmente, o Padre havia fundado várias escolas paroquiais, nos bairros da cidade e, posteriormente, resolveu reuni-las todas numa só escola: a Escola Carlota Barreira, nome dado em homenagem a sua mãe, morta em 1941. Inicialmente, a intenção do cura era a de oferecer o ensino primário a 800 alunos pobres da cidade e circunvizinhança. (ARAÚJO; TORRES; SILVA, 1994). E Escola, desde então, passou a ser o investimento predileto do Monsenhor que ergueu, quando completou 40 anos de paroquiato, em 1989, um busto em sua homenagem, em frente à escola.

Figura 5: Visão da fachada da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio ‘Carlota Barreira’.



Fonte: Acervo da professora pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018.

Atualmente, instituição é uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, num total de 927 alunos, distribuídos em 32 turmas, funcionando nos três turnos.

A escola conta com quadra de esportes, Banda Marcial premiada por todo o Nordeste; sala de informática; refeitório; sala de exibição; biblioteca e uma capela dedicada a Nossa Senhora das Vitórias.

FIGURA 6: Corredor do interior da Escola Estadual Carlota Barreira, Areia/PB.



FONTE: Arquivo da professora pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018

FIGURA 7: Pátio e Capela Nossa Senhora das Vitórias da Escola Estadual Carlota Barreira, Areia/PB.



FONTE: Arquivo da professora pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para Cavalcanti (2002) o meio, visível na paisagem, é o maior laboratório geográfico, pois, para ele, é no meio que se verifica o processo de relação existente entre a natureza e a sociedade. Sendo assim, foi analisado as respostas ao questionário (Apêndice 1) aplicado pela Professora-pesquisadora, cujo objetivo foi o de verificar junto aos alunos, a importância das aulas de campo para o ensino de Geografia.

Primeiro foi analisado as questões subjetivas, que foram organizadas em tabelas, depois as respostas objetivas, que foram distribuídas em gráficos na forma de diagrama de setor.

4.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

4.1.1 Questões Subjetivas

4.1.2 Questão 2 do Questionário

De acordo com as respostas dos alunos que participaram da amostragem, a aula de campo está ligada à prática, termo que encontramos diretamente em 10 respostas e, nas outras, termos similares, como “dinâmica”, “fora da escola”, “diretamente com a natureza”. Outro elemento frisado foi o contato direto com o momento em que o aluno/cientista/pesquisador tem um contato direto com a realidade. (Quadro 1)

QUADRO 1: Os alunos foram nomeados por A1, A2, A3, assim, sucessivamente.

O que você entende por “aula de campo?”	
A1	Aula fora da escola.
A2	Uma aula prática diretamente com a natureza
A3	Uma aula prática conhecer novos clima (sic)
A4	É uma forma de conhecer e aprender na prática, no contato mais direto
A5	Uma aula prática onde você conhece lugares novos e climas.
A6	Dinâmica!
A7	Uma aula pratica (sic), conhecer novos ambientes, novos climas.

A8	Uma forma pratica (sic) de adquirir novos conhecimentos.
A9	Uma forma prática para adquirir novos conhecimentos
A10	É uma forma prática direcionada especificamente com o meio ambiente.
A11	É uma forma prática direcionada especificamente com o meio ambiente.
A12	Uma aula para ter novos conhecimentos e novas experiências.
A13	Uma aula que envolve um conhecimento com a natureza.
A14	Uma forma de conhecer lugares e ter mais conhecimento sobre o assunto e também aulas práticas (sic)
A15	É uma maneira mais simples de entender o espaço geográfico
A16	Uma aula diretamente com a natureza.

Fonte: Questionário aplicado à turma pela Professora Lidiane Belarmino, 2018.

O ensino de Geografia focado no estudo e apreensão do meio tem proporcionado ao estudante novas formas de aprender Geografia, de ler e interpretar a realidade que o circunda, despertando a curiosidade, a observação, a comparação, a compreensão de conceitos abstratos. E, depois, empresta às aulas, o dinamismo necessário ao aluno do novo século.

O conceito de espaço é essencial para o ensino de Geografia. Para Santos, espaço vem a ser:

[...] algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46).

Ao conceituar espaço como algo dinâmico, o geógrafo prioriza o movimento, a mudança e as transformações presentes no nosso meio. Meio, fruto do trabalho humano, da ação humana e compreendido a partir da produtividade e dos frutos de tais ações.

4.2. Questão 4 do Questionário

Para tratar da importância da aula de campo para o ensino-aprendizagem de Geografia, os alunos, em sua maioria falaram do “contato físico”, “dinâmica”, bem como apontaram para uma melhor assimilação dos conteúdos. (Quadro 2)

QUADRO 2: A aula de campo para aprendizagem dos conteúdos.

Por que você considera importante a aula de campo para a aprendizagem dos conteúdos, em Geografia?”	
A1	Porque além de ver você sabe na pratica (sic) o que está estudando.
A2	Porque o conteúdo assimila melhor, em prática é mais fácil fixar o assunto.
A3	Porque a Geografia estuda os tipos de ambiente, clima e as camadas
A4	Porque o aprendizado fica mais apurado, tendo o contato físico.
A5	porque (sic) o conteúdo fica mais interessante, mais dinâmico e mais participativo e na minha opinião se aprende melhor.
A6	Sim, pela melhor dinâmica.
A7	Porque a Geografia estuda os tipos de ambientes, climas e as camadas da terra, e assim aprendemos melhor na prática.
A8	Porque na aula de campo tem contato direto físico e assim fixar mais o assunto.
A9	Porque na aula de campo tem o contato físico com o conteúdo e assim fixar melhor o conteúdo
A10	Porque na aula de campo podemos ter o contato físico com o conteúdo, e assim fixar melhor.
A11	É importante porque o conteúdo assimila (sic) melhor, e você está pode estar perto da natureza.
A12	A aula de campo é mais dinâmica, o assunto fixa melhor.
A13	que (sic) envolve você a teoria e a pratica, que dá diretamente com o que está vendo em sala.
A14	Porque você tem mais contato direto (sic) com o assunto e aprende mais olhando o próprio assunto e tem mais conhecimento.
A15	Porque obtemos conhecimentos mais claros e mais aprofundados o

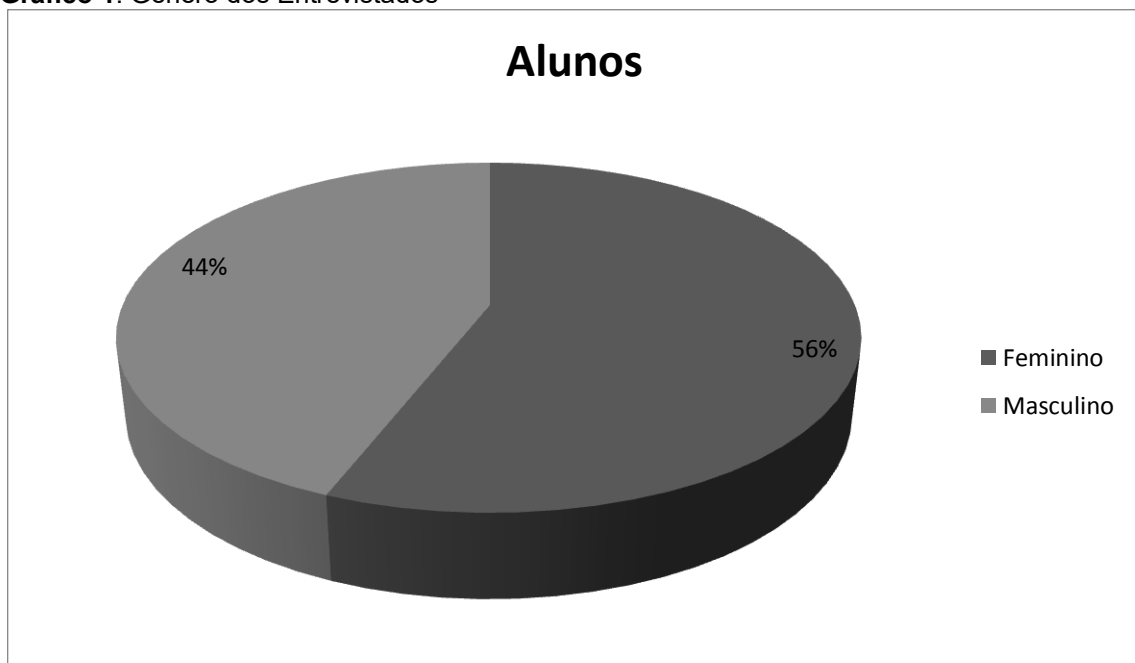
	espaço geográfico.
A16	Porque a gente assimila melhor o conteúdo,

Fonte: Questionário aplicado à turma pela Professora Lidiane Belarmino, 2018.

4.3 QUESTÕES OBJETIVAS

A quantidade de alunos que responderam ao questionário foram 16 alunos: 7 deles são do gênero masculino e 9 feminino. Correspondendo a 56% são do gênero feminino e 44% do gênero masculino. (Gráfico 1)

Gráfico 1: Gênero dos Entrevistados

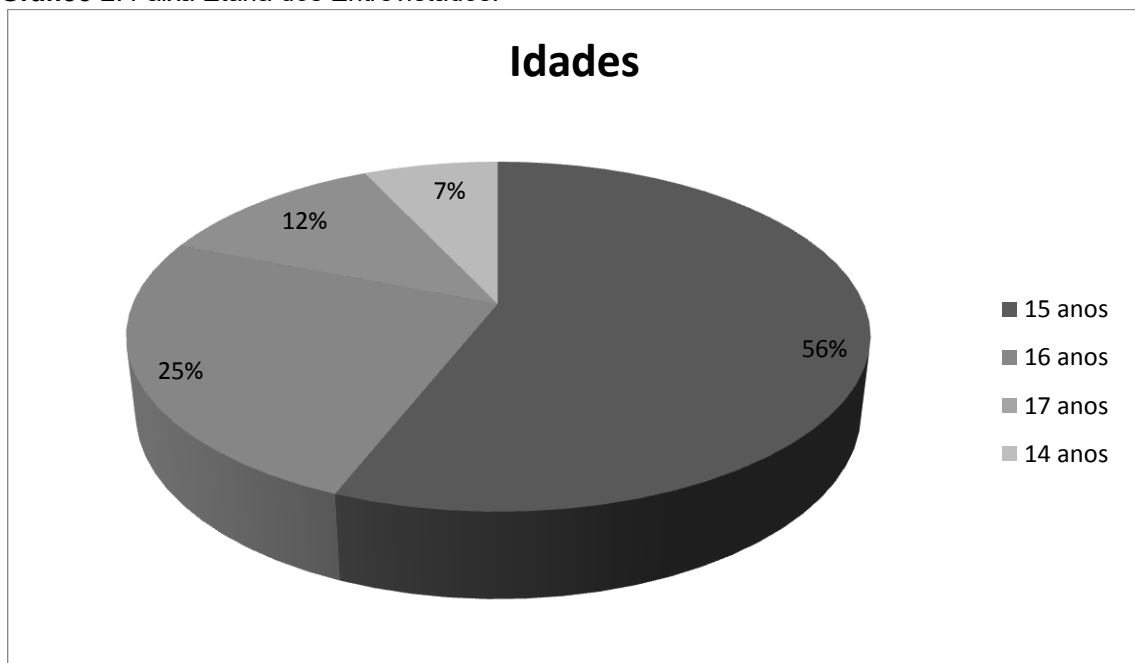


Fonte: Acervo da Professora Pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018.

Com relação à faixa etária, dos 16 alunos que responderam ao questionário, a maioria tem 15 anos de idade, 56%; 25% têm 16 anos; 12% têm 17 anos e 7% têm 14 anos. Num primeiro momento, atentou-se para o fato de que não há distorção idade/série. Por outro lado, observou-se que a psicogênese de Piaget divide o desenvolvimento mental da criança, indo do nascimento à adolescência, em quatro etapas ou estágios: O 4º Estágio vai dos 11 aos 16 anos e é conhecido como Operatório-formal. Nessa fase, da adolescência, surgem as características que marcarão a vida adulta. O desenvolvimento da reflexão atinge um nível que permite o total desenvolvimento do pensamento matemático, científico e filosófico. Segundo

Piaget é a idade da metafísica. A partir desse momento, começa na criança o domínio das noções abstratas. Aprofunda-se aqui, o valor das ideias e ideais. Ocorre uma segunda fase egocêntrica, diferente da que ocorre a partir dos 3 anos, por ter caráter social. “Preocupa-se consigo, mas em sua relação com os outros” (CUNHA, 1987, p. 79). Portanto, podemos ver que a faixa etária dos alunos que participaram da amostragem está exatamente dentro desse perfil piagetiano de amadurecimento do pensamento abstrato, da reflexão, aptos a tirarem conclusões críticas e sua relação com o outro, com o mundo e as pessoas que o cercam está num momento bastante relevante. (Gráfico 2)

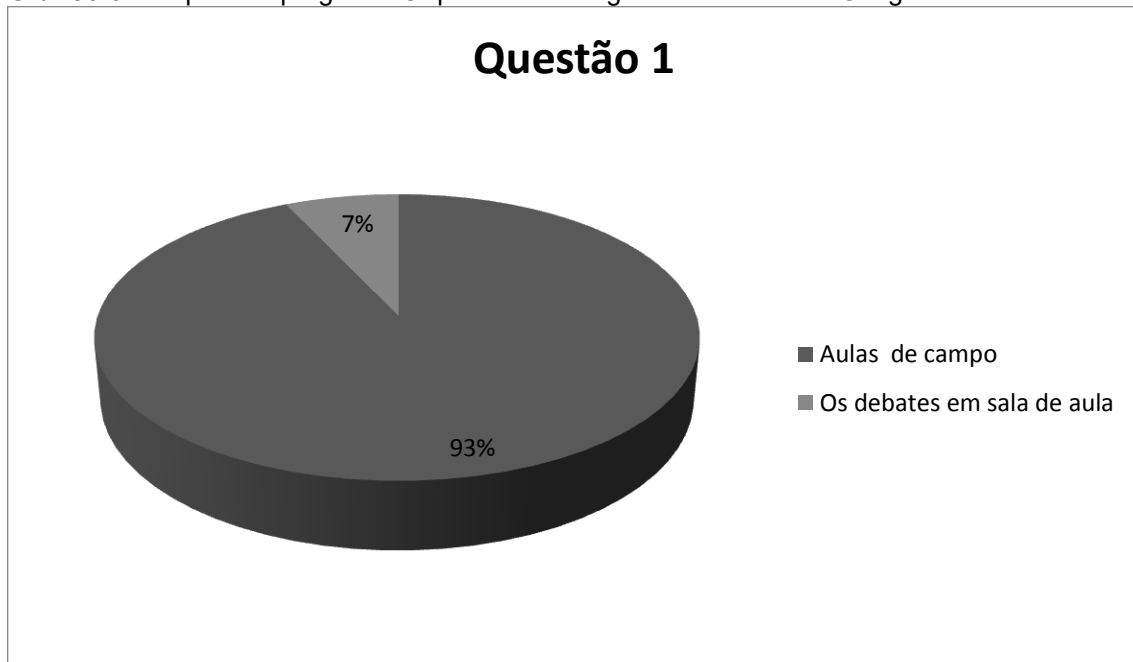
Gráfico 2: Faixa Etária dos Entrevistados.



Fonte: Acervo da professora pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018.

Perguntados sobre o que os alunos mais gostam nas aulas de geografia (Gráfico 3), dos 16 alunos que responderam, 15 elegeram a aula de campo e 1 aluno citou os debates em sala de aula, o que representa uma preferência de 97% entre os alunos pesquisados.

A aula de campo, com sua proposta de por o aluno em contato com a realidade, constituindo-se em um método ativo e interativo abre possibilidades para que o aluno compreenda melhor os fenômenos que compõem o espaço geográfico. (MALYSZ, 2007).

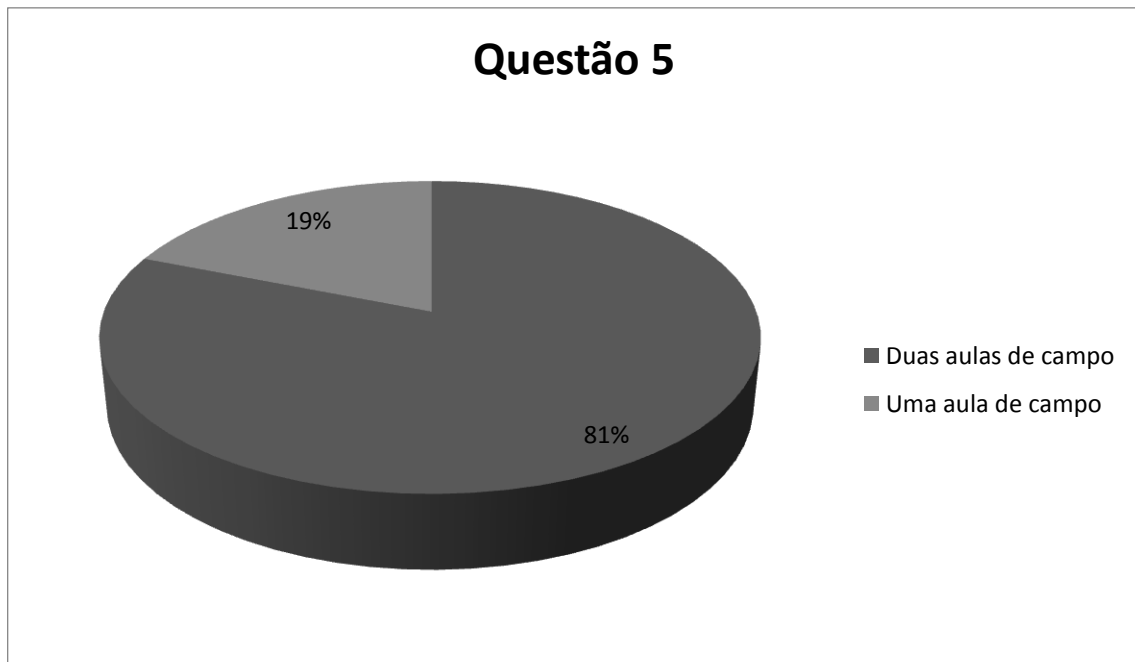
Gráfico 3: Resposta à pergunta: O que você mais gosta nas aulas de Geografia?

Fonte: Acervo da professora pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018.

Quando indagados sobre o número de aulas de campo que os alunos tiveram no primeiro semestre de 2018, 13 alunos responderam que foram duas aulas de campo e 3 deles responderam que foi apenas uma aula de campo, como podemos ver no gráfico a seguir (Gráfico 4), o que representa 81% para duas aulas de campo e 19% citaram apenas uma aula de campo. Como a maioria respondeu que foram duas, o que pode ter havido é que os três alunos que responderam que houve uma aula de campo terem faltado ou se equivocado no momento da resposta, ou ainda, que não esteja muito bem interiorizado, o que vem a ser uma aula de campo, não considerando uma visita ou uma oficina de fotografia da cidade como aula de campo.

Diante disso, fica claro que o conceito, se levarmos em conta a última proposição, de aula de campo deve estar mais claro para o aluno, quando do planejamento das aulas, pela professora.

Gráfico 4. Resposta à pergunta: Quantas aulas de campo vocês tiveram no primeiro semestre de 2018?

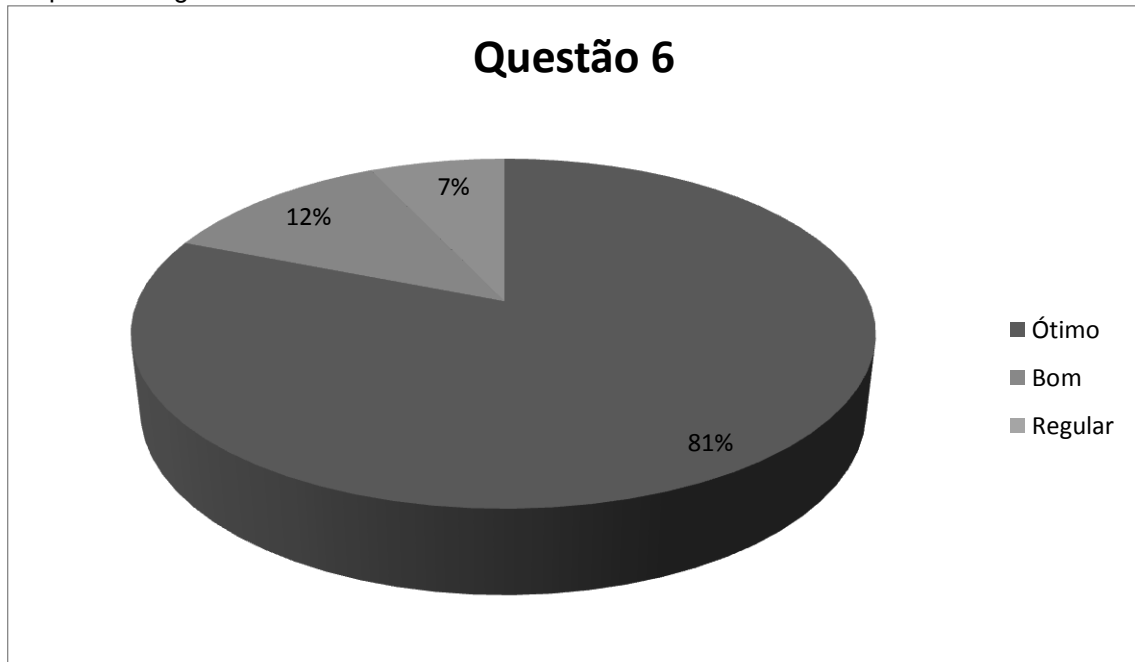


Fonte: Acervo da professora pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018.

Quando questionados sobre a metodologia utilizada pelo professor (a) nas aulas de campo em Geografia, 81% classificaram como ótima; 12% consideram bom e 7% julgam regular (Gráfico 5). Como vemos, a maioria aprova a metodologia utilizada nas aulas de campo.

O cuidado que o professor deve ter é o de que o aluno esteja efetivamente aprendendo e confrontando teoria e prática com essas aulas e que a metodologia utilizada vá além de uma aula ao ar livre e que se concretize efetivamente como um estudo do meio em que ele está inserido.

Gráfico 5: Resposta do aluno à pergunta: A metodologia utilizada pelo professor(a) nas aulas de campo de Geografia é:

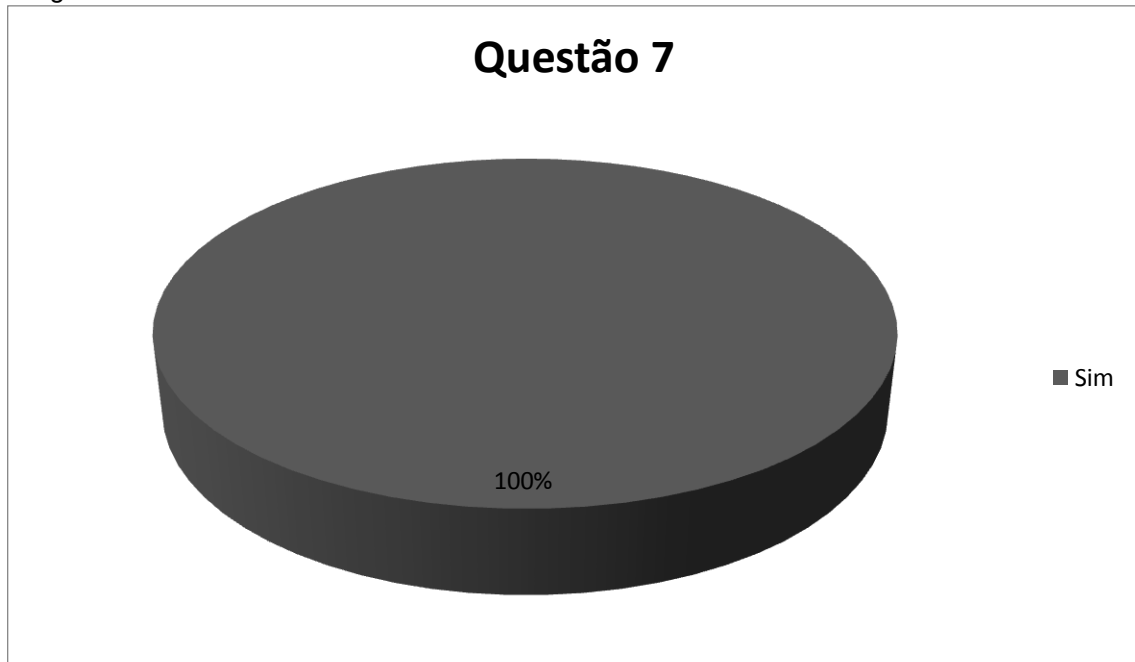


Fonte: Acervo da professora pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018.

Quando indagados se gostariam de ter mais aulas de campo na disciplina de Geografia, todos foram unânimes ao responder que sim. 100% dos alunos que participaram da amostragem responderam afirmativamente a essa pergunta, conforme gráfico 6, abaixo.

Sem dúvida, em um município de natureza exuberante, variedade de plantas e biomas, Patrimônio Urbanístico e Paisagístico Nacional, que enfrenta problemas de crescimento desordenado, de mudanças climáticas e históricas vem a ser um laboratório gratificante para o professor que sabe conduzir bem o estudo do meio e para o aluno que pode problematizar e arriscar soluções, com base nas teorias estudadas e, ao fim, pode contribuir para a minimização dos problemas encontrados, ser um cidadão mais atuante em seu espaço geográfico.

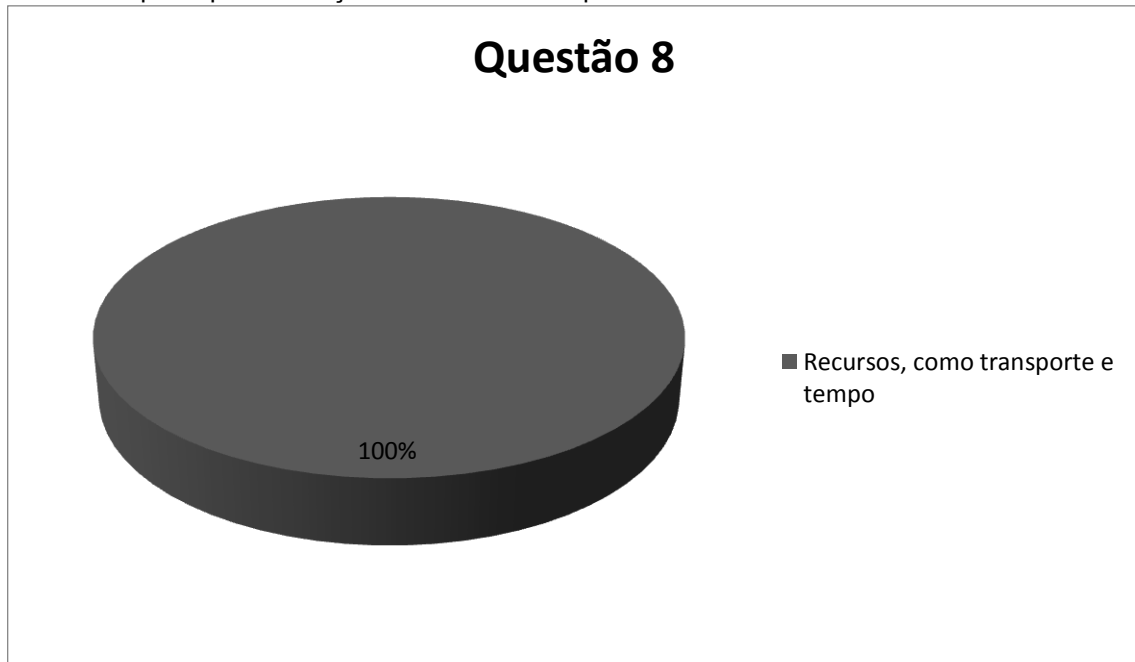
Gráfico 6: Resposta à questão: Você gostaria de ter mais aulas de campo na disciplina de Geografia?



Fonte: Acervo da professora pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018

Vários são os desafios que o professor enfrenta quando se dispõe a planejar uma aula de campo, desde a burocracia administrativa, passando pela falta de transporte até a falta de equipamentos específicos (PEREIRA, 2015). Os alunos que participaram da amostragem quando indagados acerca dessa questão: Para você, como aluno, qual a maior dificuldade encontrada para que aconteçam as aulas de campo? (Gráfico 7), 100% apontaram a falta de recursos como transporte e tempo. Tais problemas podem resultar numa má aula de campo ou em uma não realização da aula.

Gráfico 7: Resposta à questão 7 do Questionário: Para você, como aluno, qual a maior dificuldade encontrada para que aconteçam as aulas de campo?



Fonte: Acervo da professora pesquisadora Lidiane Belarmino, 2018

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da pesquisa realizada com os alunos do 1º Ano do Ensino Médio de uma escola pública do município de Areia revelou que as aulas de campo são preferência entre os mesmos, pelo dinamismo e pela interação que essa aula proporciona entre o aluno e o meio ambiente. Todos os alunos entrevistados souberam definir o que vem a ser uma aula de campo, bem como foram capazes de perceber quais as dificuldades encontradas para a sua realização.

O trabalho teve sua importância para reforçar que as dificuldades de ordem prática para a realização de um trabalho de campo vão além da falta de recursos, como transporte, material e tempo e que prescindem de uma metodologia adequada e de um planejamento prévio.

Para o professor, é um momento de fazer a união da teoria com a prática, de modo que a aprendizagem se efetive de fato e englobe diferentes abordagens da disciplina de Geografia: geopolítica, socioambiental, cultural, econômica para que o espaço seja lido, interpretado e compreendido.

Desta feita, o exercício professoral teve como motivação maior minha Instituição de Ensino, foi dentro da Universidade Estadual da Paraíba, junto com

meus professores que desenvolvi mais o meu dom para ministrar aula. Nas aulas práticas no Estágio Supervisionado aprendi que minha função vai muito além da sala de aula, o desenvolvimento e a interação dos assuntos ministrados por mim, porém com uma vivência maior, podemos assim dizer que foi um excelente relato de experiência, cresci ainda mais como pessoa e acima de tudo profissionalmente.

Hoje além de formadora de opinião, sou incentivadora do conhecimento onde envolve o espaço, desbravando elementos que compõe nosso meio, assim construímos essa dinâmica professor-aluno, trocando conhecimentos de uma forma bem mais vivenciada.

ABSTRACT

Geography, as a science of humanity, is designed to study the space produced by societies in their relations with social groups, nature and historical time. Given this context, we start from the following problematic: in what way, practical field classes provide a better assimilation of content by the students, as an enriching source of learning? Thus, this article aims to analyze, from the point of view of the student of the 1st Year of High School, the State School of Elementary and High School Carlota Barreira, Areia-PB, in what way the field class contributes to a better learning of the contents of the Geography discipline. The research universe was the class of the 1st Year of High School, with 16 students. Regarding the work, this was an explanatory research, because it sought to identify the determinants of the study. This study was carried out through the implementation of questionnaires and teacher reports. There were 16 questionnaires with the students, with objective and subjective questions. The objectives were tabulated in graphs in the form of pizza and the subjective ones were arranged in tables and, both, analyzed in the light of the specific literature. For the accomplishment of the study, applied research was used. Regarding the problem approach, the research was qualitative. The theorists who subsidized the work were: Pontuschka Paganelli (2009); Cacete (2009); Malysz (2007); Venturi (2009); Peron (2009), Pereira (2015); Santos (2008) The results pointed out the importance of the fieldwork for students to understand the environment in which they are inserted, the need for prior planning and subsequent analysis of the experience, as well as the difficulties that the teacher faces in order to make it possible.

Keywords: Field class. Learning. Geographic Research

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. de. MARTINS, M. H. P. **Filosofando** (Introdução à Filosofia). 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARAÚJO, E. J. de; TORRES, F.T; SILVA, M.V. **Lampejos de Uma Vida Sacerdotal**. João Pessoa: Editora União, 1994.

ATAÍDE, Rosimary Clemonica Pereira. A utilização do recurso da aula de campo como uma alternativa em novas práticas pedagógicas interdisciplinares e contextualizadas. **Monografia**. 61 fls. Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação – CEDUC, Campina Grande, 2005.

AZEVEDO, Tarik Rezende. Técnicas de campo e laboratório em climatologia. In: VENTURI, Luís Antonio Bittar (org.) **Praticando a Geografia: técnicas de campo e laboratório em Geografia e Análise ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BEUREN, Ilse Maria; RAUPP, Fabiano Maury. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (org). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 46-75.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio**; Vol. 3. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CAVALCANTI, L. S. Geografia, escola e construção de conhecimento. Campinas: ... 10ª Ed. São Paulo: Libertad, 2002. p. 80-82.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 1987.

FIÚZA, Alexandre Felipe. GONÇALVES, Regina Célia. SORRENTINO, Rossana de Sousa et ali. **Uma História de Areia**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.

GAUDÊNCIO, Francisco de S. **Joaquim da Silva: Um empresário ilustrado do império**. João Pessoa: EDUSC, 2007.

GUERRA, Antonio José Teixeira. In: CUNHA, Sandra Baptista da. (Org.). **Geomorfologia: Exercícios, Técnicas e Aplicações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MALYSZ, Sandra T. Estudo do Meio. In: PASSINI, Elza Yasuco. PASSINI, Romão. MALYSZ Sandra T. **Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERON, Mauro Luiz. O Uso do Vídeo em Trabalho de Campo: A técnica e a construção de uma narrativa. In: VENTURI, Luís Antonio Bittar (org.). **Praticando a Geografia: técnicas de campo e laboratório em Geografia e Análise ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. Trabalho de Campo na Geografia: Desafios práticos no Estado da Paraíba. In: SILVA, Aniere Barbosa da. GUTIERRES, Henrique Elias. GALVÃO, Josias de Castro (org). **Paraíba: pluralidade e representações geográficas**. Campina Grande/PB: EDUFCEG, 2015.

PONTUSCHKA, Nídia Noacib. PAGANELLI, Tomoko, Lyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RAMOS, Alexandre José Santos e RAMOS, Marília Maria Quirino. – **A utilização da aula de campo no ensino de Geologia (textos mimeografado)**, 1999 CEDUC/UEPB.

ROESCH, Sylvania Maria Azevedo. **Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1000.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

VENTURI, Maria Alice. Relato do Trabalho de Campo. In: VENTURI, Luís Antonio Bittar (org.). **Praticando a Geografia: técnicas de campo e laboratório em Geografia e Análise ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

Apêndice.

MODELO DE QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ALUNOS

QUESTIONÁRIO

Caro aluno (a)

O objetivo deste questionário é servir a uma pesquisa acadêmica acerca das importância das aulas de campo para o ensino de Geografia. Não se pretende avaliar o docente, tampouco o aluno. Portanto, suas respostas não serão julgadas como certas ou erradas.

Para responder o questionário, reflita sobre as suas aulas de campo em Geografia, não deixe resposta em branco. E, caso surja alguma outra dúvida, pergunte-me! Agradecemos a sua colaboração!

Escola: _____

Série: _____ Turno: _____

idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino ()

Data ____/____/____.

1) O que você mais gosta nas aulas de Geografia?

() Os debates em sala de aula() Utilização de recursos multimídia() Aulas de campo() Projetos() Avaliações

Outros:

2) O que você entende por “aula de campo?”

3) Assinale as alternativas que estão incluídas nas aulas de campo de Geografia.

() Planejamento() Atividade Prática() Análise das informações obtidas na aula de campo.() Nenhuma das Anteriores

4) Por que você considera importante a aula de campo para a aprendizagem dos conteúdos, em Geografia?

5 Quantas aulas de campo vocês tiveram no primeiro semestre de 2018?

- Uma
- Duas
- Nenhuma
- Mais de três

6) A metodologia utilizada pelo professor (a) nas aulas de campo de Geografia é:

- Ótimo
- Bom
- Regular

7) Você gostaria de ter mais aulas de campo na disciplina de Geografia?

- Sim
- Não

8) Para você, como aluno, qual a maior dificuldade encontrada para que aconteçam as aulas de campo?

- Recursos, como transporte e tempo.
- Falta de discussão sobre o tema, antes das aulas
- Sensibilidade da gestão administrativa escolar.